

WhatsApp como estratégia de aprendizagem no ensino de História

Carla C. Andrade¹

¹Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Sergipe

ccandrade01@gmail.com

Abstract. *This paper aims to present the results of the experience of History, with high school students in a school in the southern region of the state of Sergipe. The purpose, of the qualitative and descriptive character, had as proposal to encourage students to understand the main characteristics of a current Brazilian political practice in the First Republic, Coronelism. In order to do so, the following strategies were used: distribution and reading of works that deal with the theme and later discussion about these literary works through the WhatsApp application. As results, it was realized that, through the application, the learning process became more interactive, dynamic and collaborative.*

Resumo. *Este trabalho busca apresentar os resultados da experiência realizada na disciplina História, com alunos do Ensino Médio em uma escola na região sul do estado de Sergipe. A proposta, de caráter qualitativo e descritivo, teve como propósito incentivar os alunos a compreender as principais características de uma prática política brasileira corrente na Primeira República, o Coronelismo. Para tanto, foram utilizadas as seguintes estratégias: distribuição e leitura de obras que tratassem da temática e posterior discussão sobre essas obras literárias através do aplicativo WhatsApp. Como resultados, percebeu-se que, através do aplicativo, o processo de aprendizagem se tornou mais interativo, dinâmico e colaborativo.*

1. Introdução

A tecnologia móvel está presente em nossas ações, alterando significativamente a maneira como adquirimos e consumimos informação. O crescimento e a popularização dos dispositivos móveis como *tablets*, *notebooks* e *smartphones* tem encorajado o desenvolvimento de estratégias educativas com o uso da *internet*. Assim, surge o *mobile-learning* (*m-learning*) ou aprendizagem móvel, um modo de ensinar que consiste no uso educacional de dispositivos tecnológicos móveis em atividades de ensino e aprendizagem. O *m-learning* é comumente utilizado na Educação a Distância (EAD), mas também pode ser empregado no ensino presencial.

O *m-learning* modifica a dinâmica do ensino, uma vez que possibilita adaptar o ensino às reais necessidades e as experiências dos professores e alunos. O uso dos dispositivos móveis possibilita o ensino virtual, desterritorializado, baseado numa comunicação síncrona e assíncrona entre os participantes.

Partindo desse pressuposto, nasceu a proposta de utilizar os dispositivos móveis no processo de ensino e aprendizagem na disciplina História. O intuito foi de

demonstrar aos alunos o potencial educativo das tecnologias móveis, a partir do emprego dos dispositivos para a aquisição, assimilação e apropriação do conhecimento.

A experiência consistiu na compreensão do conceito de coronelismo enquanto prática política existente no Brasil na Primeira República. Para tanto, empregou-se a leitura e a discussão, feita por alunos, de obras literárias sobre o tema. A discussão aconteceu por intermédio do aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*.

Este trabalho, de caráter qualitativo e descritivo, apresenta a experiência desenvolvida, a partir dos procedimentos empregados e dos resultados alcançados. O trabalho está dividido em três partes, além desta introdução e das considerações. Na primeira parte, manifestamos a importância de ensinar e aprender com o emprego dos dispositivos móveis. Em seguida, descrevemos os procedimentos aplicados no projeto. Finalmente, destacamos os principais resultados obtidos, ressaltando a apropriação do conceito de coronelismo pelos alunos, através da interação mediada pelo aplicativo.

2. Ensinar e aprender em tempos de mobilidade digital

O aperfeiçoamento e a massificação dos dispositivos móveis, bem como sua gradativa presença no espaço escolar, tem possibilitado a ampliação da produção científica sobre *m-learning*. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicou as Diretrizes Políticas para a Aprendizagem Móvel. Para a UNESCO (2014), “a aprendizagem móvel envolve o uso de tecnologias móveis, isoladamente ou em combinação com outras tecnologias de informação e comunicação (TIC), a fim de permitir a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar”.

Evidencia-se que a ideia da desterritorialização dos espaços e da comunicação assíncrona está presente no conceito de aprendizagem móvel da UNESCO. A aprendizagem móvel não precisa estar no espaço formal da sala de aula e com a mediação direta do professor. Ela pode ocorrer em outros espaços e em outros tempos, de acordo com a necessidade e o interesse de quem educa e de quem aprende.

A UNESCO defende, ainda, o caráter democrático da aprendizagem móvel. O aparelho celular e o *smartphone* são dispositivos tecnológicos muito acessíveis em relação a outras tecnologias. Não apenas pelo preço, e sim pela usabilidade. Esses fatores justificam o fato de o telefone móvel ser, atualmente, o principal meio de comunicação no mundo. Conforme pesquisa realizada pela GSMA, entidade global de telefonia móvel, a quantidade de assinantes da telefonia móvel ultrapassa os cinco bilhões¹. No Brasil, existem mais linhas de telefonia móvel do que pessoas, segundo a Agência Nacional de Telefonia (ANATEL)². São 235.786.195 linhas móveis em operação para uma população de um pouco mais de 209 milhões de pessoas como informa o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Esses dados revelam como a telefonia móvel é acessível e democrática.

Talvez por isso em nosso país existam vários estudos sobre a integração das tecnologias digitais na educação e a aplicação do *m-learning*. Esses estudos aparecem com a chegada dos aparelhos móveis, no ambiente escolar, trazidos pelas mãos dos

¹Disponível em: <<https://www.gsma.com/newsroom/press-release/number-mobile-subscribers-worldwide-hits-5-billion/>>. Acesso em: 14 de junho de 2018.

²Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/dados/destaque-1/283-brasil-tem-236-2-milhoes-de-linhas-moveis-em-janeiro-de-2018>>. Acesso em: 14 de junho de 2018.

alunos e dos professores. Resulta daí uma batalha: os professores, acostumados a ser o centro das atenções e principais responsáveis pela aprendizagem na sala de aula, disputam agora a atenção com pequenos aparelhos que conectam os alunos com o mundo. Inicialmente, a disputa resultou em proibição, um verdadeiro “caça as bruxas” ou caça aos “*celulares*” na escola. No entanto, muitos profissionais começam a perceber que podem se unir ao inimigo, ou melhor, que podem utilizar os aparelhos móveis como instrumentos educativos. Assim, são desenvolvidas diversas pesquisas que demonstram as contribuições da aplicação dos dispositivos móveis na educação.

Neste caso, o Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE) tem sido um espaço substancial para divulgação de pesquisas sobre esta temática. Um exemplo é a pesquisa de Lima, Lima Neto e Castro Filho (2015) sobre aprendizagem móvel no ensino fundamental, que identificaram como a mobilidade pode potencializar as atividades educativas ao ampliar as possibilidades e os espaços de aprendizagem. Para isso, os autores defendem a necessidade de conhecer melhor as ferramentas disponíveis para a aprendizagem móvel, posto que facilita a realização de trabalhos colaborativos entre os alunos.

Outro trabalho sobre a mesma temática apresentado no CBIE é o estudo de Paiva, Ferreira e Corlett (2016), sobre o uso do aplicativo móvel *WhatsApp* no ensino superior. Na pesquisa, a partir da aplicação de um questionário junto aos alunos de duas disciplinas de cursos de Computação da Universidade Federal da Bahia, os pesquisadores visualizaram como o aplicativo contribui para um melhor aproveitamento das disciplinas pelos professores, além de promover uma mudança significativa na postura dos alunos frente ao conhecimento, ao desenvolver o espírito de colaboração entre alunos e professores.

Complementando a discussão sobre aprendizagem móvel nos trabalhos divulgados pelo CBIE, temos Ferrete e Ferrete (2017) que avaliam o contexto da aprendizagem em tempos de *cibercultura* também no ensino superior. O interesse do estudo é compreender a visão dos alunos sobre a incorporação das tecnologias digitais móveis ao ensino nos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Como resultado, os autores constataram que a maior parte dos alunos investigados utilizam seus *smartphones* para conectar a *internet* durante as aulas, mesmo quando estas aulas acontecem em laboratórios de informática que possuem computadores conectados à *internet*. Para os autores, “não basta apenas fazer uso das tecnologias móveis para conseguir total atenção e interesse dos alunos, pois existem outras situações e problemas que não podem ser resolvidos simplesmente pelo uso das tecnologias”. [Ferrete e Ferrete 2017 592].

Estas situações, para os autores, são condicionadas pela burocracia tão presente nas instituições públicas brasileiras e que dificulta o diálogo entre as partes sobre uma situação que já está posta, que é a presença das tecnologias digitais móveis na universidade.

A pesquisa de Ferrete e Ferrete (2017) revela o outro lado da aprendizagem móvel: os desafios enfrentados por professores e alunos na busca pelo avanço da educação. É o lado da burocracia e das dificuldades que tanto desanimam aqueles que procuram novas soluções para melhorar a qualidade do ensino.

Os trabalhos acima descritos demonstram a realidade da aprendizagem móvel no Brasil. Os primeiros passos para a efetivação do *m-learning* estão sendo dados. As

pesquisas destacam como a aplicação de dispositivos móveis modifica e amplia as possibilidades de aprendizagem. A mobilidade potencializa a educação, na medida em que professores e alunos passam a conhecer os dispositivos e adaptá-los para as situações de ensino e aprendizagem.

Mas nem tudo são flores. As dificuldades que, provavelmente, professores e alunos da educação básica enfrentam para desenvolver ações educativas com os dispositivos móveis são observadas no ensino superior. O local, que deveria ser o espaço de inovação e de formação de mão de obra especializada, apresenta contradições no que concerne às tecnologias digitais e a aprendizagem móvel. Dessa forma, os alunos dos cursos de licenciatura que serão os futuros profissionais da educação estão encontrando em sua formação inicial, currículos ultrapassados e professores que resistem à cultura digital. Aliada a esta situação, temos a burocracia fortemente instituída nas relações administrativas da universidade, que dificulta a estruturação de currículos e planejamentos mais apropriados à formação dos novos professores.

Buscando superar a realidade acima e fortalecer as ações voltadas ao *m-learning* é que se insere a experiência que descrevemos no próximo item.

3. Aprendendo História com o *WhatsApp*

Este trabalho tem como opção metodológica o método qualitativo, pois “não emprega um instrumento estatístico como base no processo de análise de um problema.” [Richardson 1999]. Ao contrário, o estudo tem como escopo compreender a mensagem, enquanto informação articulada em um processo de interação. Na medida em que é uma pesquisa qualitativa, este estudo tem como propósito descrever o experimento e os resultados alcançados, com vistas a entender como o aplicativo *WhatsApp* pode auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos. Neste sentido, este estudo é qualitativo e de caráter descritivo. A seguir, são descritos o universo e a amostra da pesquisa, que é do tipo não probabilística intencional.

O projeto em questão foi desenvolvido em uma escola de ensino médio da rede estadual de Sergipe, localizada no município da região sul do estado. A ação aconteceu durante as férias escolares e teve como objetivos: discutir as principais características do Coronelismo enquanto prática política; estimular entre os alunos o hábito da leitura; proporcionar a aprendizagem interativa e colaborativa.

A motivação para o desenvolvimento do projeto durante as férias escolares consistiu na transição dos assuntos abordados entre o 2º ano e o 3º ano. A proclamação da República foi o último tema abordado no ano letivo pela disciplina História com a turma do 2º ano. Esta mesma turma iniciaria o ano letivo seguinte com o tema Coronelismo. O projeto serviu para manter um elo entre os temas.

Assim, apresentou-se a proposta aos alunos na última semana de aula. Foram escolhidos quatro alunos que se dispuseram a ler os livros escolhidos junto com a professora durante as férias escolares. Como esses alunos moravam em localidades diferentes e a professora morava em outro município, foi criado um grupo no aplicativo *WhatsApp* para a discussão e interação entre alunos e professora. Optou-se por poucos participantes devido à pequena quantidade de livros na biblioteca. O número insuficiente de obras literárias sobre o tema dificultou a participação de mais alunos no projeto.

Na apresentação do projeto, foram estabelecidas algumas regras: cada aluno ficaria responsável pela leitura de um livro; após a leitura, eles apresentariam um pequeno resumo da obra no grupo do *WhatsApp*, citando as principais características do coronel existente na obra. O grupo serviria também para dúvidas e curiosidades sobre a leitura do livro. Os alunos poderiam trocar os livros entre eles, caso terminassem a leitura antes do retorno das aulas. Abaixo, encontram-se as obras distribuídas entre os alunos. Identificamos os alunos integrantes da experiência por uma letra do alfabeto como forma de preservar e respeitar a privacidade dos participantes.

Obras literárias distribuídas por aluno

ALUNO	OBRA
A	RAMOS, Graciliano. S. Bernardo . 96. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2014.
B	PALMERIO, Mario. Vila dos confins . 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. 291 p.
C	RÊGO, José Lins do. Fogo Morto : romance. 68. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. 403 p.
D	RAMOS, Graciliano. Vidas secas . 125. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 174 p.

Os critérios para escolha das obras foram baseados em três aspectos: literatura em prosa; obras correspondentes à Escola Literária Modernista e de estilo Regional; e presença de um personagem com características comuns ao típico coronel do interior brasileiro. Além destas obras, foram disponibilizadas também para os alunos os romances: *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa; *Terras de Sem Fim* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado.

Ressalta-se que o emprego da Literatura para o ensino de História insere-se com o advento da História Cultural. Este movimento epistemológico da Ciência História possibilitou o uso de novas fontes e de novos problemas na pesquisa e no ensino. A Literatura e a História são entendidas como “discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo” (PESAVENTO, 2003). Neste sentido, a Literatura pode ser utilizada como uma fonte histórica.

Se o historiador estiver preocupado com datas, fatos, nomes de um acontecido, ou se buscar a confirmação dos acontecimentos do passado, a literatura não será a melhor fonte a ser usada... Mas, se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se toma uma fonte muito especial para o seu trabalho. (PESAVENTO, 2003, p. 39).

O recorte acima justifica o emprego da Literatura numa prática educativa da

disciplina História. Como a finalidade do projeto era levar os alunos a compreender os valores, as características e as motivações de um período específico, o início da República Brasileira, a Literatura pode ser empregada como fonte.

4. Quem é o coronel? Interação dos alunos por meio do aplicativo

Considerando que a atividade mediada pelo aplicativo *WhatsApp* teve como propósito incentivar os alunos a compreender as principais características do Coronelismo enquanto prática política, nesta seção, apresentam-se os primeiros resultados obtidos com a experiência desenvolvida. Para tanto, utilizou-se o material produzido pelos alunos a partir da leitura das obras literárias. Este material está exposto na forma de postagens com comentários sobre a obra.

As primeiras postagens ocorreram na primeira semana do projeto e foram estimuladas pela professora para verificar se realmente estavam acontecendo às leituras e quais as primeiras impressões dos alunos sobre a obra. Assim, foi questionado aos alunos se eles já conseguiam identificar o coronel e quais as características o personagem apresentava. Três alunos responderam:

Aluno A: Seu Paulo Honório, um coronel, ciumento, rancoroso, um senhor feudal, humilhava qualquer um que denominasse não estar a sua altura, mas ele nem sempre foi assim. Ele não é um coronel de ofício, ele não pertence a uma linhagem, não era um puro sangue, nasceu pobre. Aprendeu a ler na cadeia com um senhor que o único livro em mão era uma bíblia de bolso dos protestantes...

Percebe-se na postagem do aluno A que ele identifica quem é o coronel do livro, sua personalidade e suas origens. Destaca-se que o aluno depreende, a partir da leitura, que o personagem não conseguiu sua patente da maneira correta, ou seja, prestando serviço militar. Muitos coronéis da Primeira República recebiam o título pelos serviços prestados ao governo e não por serem militares. A clássica análise de Leal (2012) sobre o tema defende o coronelismo enquanto uma troca de favores entre o poder público e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras.

A personalidade ambiciosa dos coronéis é igualmente observada por outro aluno:

Aluno B: Estou lendo o livro de Mário Palmério. É fácil de entender, relata o coronel como eu imaginava: rico, presunçoso, vingativo. E dentro da política, estando entre pessoas ambiciosas como ele, é capaz de qualquer coisa, para não sair perdendo o jogo.

Verifica-se, pelo comentário, que o personagem coronel, faz parte do imaginário do aluno. A leitura reforça e amplia os atributos. O aluno pode ter construído esse “estereótipo” do coronel, a partir de conhecimentos adquiridos previamente em leituras anteriores ou outras disciplinas. Pode ter construído, ainda, através do imaginário popular local, visto que a região onde mora tem sua história marcada pela presença e influência de coronéis e chefes políticos locais. Outro aspecto a ser ressaltado é a visão do coronel enquanto personalidade política e capaz de participar e administrar as regras

do jogo político existente na época.

Carvalho concebe o coronelismo como um sistema político exclusivo brasileiro, estruturado na barganha entre governo e coronéis:

O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao presidente da República em troca do reconhecimento deste de seu domínio no estado. [Carvalho 1997].

O aluno C escolhe o trecho inicial da obra para demonstrar sua concepção sobre o coronel da obra: José Paulino.

Aluno C: José Paulino: ele grita com os criados, mas é um homem bom. Que (sic) o Mestre Amaro nunca vai fazer nada pra ele, porque ele grita, ele não leva desaforo, não gosta que gritem com ele, mas ele é um homem bom... Como o Álvaro da Aurora: custa a pagar, não tem esse negócio de grito, fala mansa, homem de trato. Então quer dizer que ele custa a pagar, mas com ele não tem esse negócio de grito.

A escolha do trecho parece intencional, para mostrar a imagem ambígua do coronel desenhada pelo diálogo entre dois personagens. Mestre Amaro não gosta do coronel porque ele grita com os outros, não respeita as pessoas que pertencem a uma camada social distinta a do coronel. O mestre compara o coronel a outro personagem, o Álvaro da Aurora. Este não possui as condições financeiras do coronel, mas é um homem de trato. Mesmo que o mestre não goste do coronel, outros personagens da obra acreditam que José Paulino é uma boa pessoa, afinal, *ele grita com os criados, mas é um homem bom*.

A personalidade ambígua do coronel, que oscila entre bom e mal, é vista por Leal (2012) como consequência da falta do poder público em nosso país. O coronel assume, então, grande parte das funções do Estado. Nomeação de coletores de impostos, servidores públicos, agentes de correio, professoras primárias, agentes da justiça. Todos passam pelo crivo do chefe político local. A troca de favores também se fortalece com a distribuição dos serviços públicos, como a construção de estradas, pontes, escolas e hospitais. Os municípios brasileiros não possuíam e muitos ainda não possuem recursos próprios para custear estas obras, necessitando do apoio financeiro do Estado. Este, por sua vez, não consegue atender a todos e seleciona, cuidadosamente, sob o critério eleitoral quais municípios e comunidades deve ajudar. O coronel que consegue uma benfeitoria para sua região é visto com a marca da bondade e da eficiência por seus eleitores.

Percebe-se pelos comentários dos alunos que os objetivos da experiência foram alcançados, pois eles reconheceram durante a leitura as características do coronel e do Coronelismo, quais sejam: a personalidade mandonista do chefe local, o jogo político baseado na troca de interesses e a concepção ambígua do portador do título, amado por

uns, odiado por outros.

A discussão em torno dos aspectos do coronel através do aplicativo incentivou a colaboração entre os integrantes do grupo. Assim, outros questionamentos surgiram durante o debate:

Aluno B: Quando foi que o título de “Coronel” teve destaque?

Aluno C: E como eles [os coronéis] se relacionavam com as pessoas?

Aluno B: Depende... No livro que estou lendo, o que importa para eles é o dinheiro, o poder...

Constata-se que, a partir da discussão inicial, outros pontos instigados com a leitura foram apontados e discutidos. Ademais, com o passar do tempo os próprios alunos adquiriram autonomia para discutir e apresentar respostas sobre as dúvidas dos colegas. A participação da professora no grupo se configurou como mediadora, ou seja, incentivado do debate e referência para aos alunos sobre o caminho que estavam trilhando. Desse modo, os alunos tornaram a aprendizagem sobre um conceito histórico autônoma, colaborativa e prazerosa.

Apesar dos pontos positivos alcançados, salientamos que nem todos os alunos convidados colaboraram efetivamente com a experiência. O aluno denominado D não participou das discussões, não realizou postagens no grupo e demonstrou não ter desenvolvido a atividade de leitura. Isso demonstra que, mesmo tendo sido apresentado os benefícios e as possibilidades da atividade e concordado com as mesmas, o participante pode não se sentir à vontade com a experiência e recusar sua colaboração. Dessa forma, a recusa foi representada pelo silêncio do participante.

Por último, é preciso destacar o uso do aplicativo *WhatsApp* para o desenvolvimento da atividade. Como citado anteriormente, o aplicativo foi utilizado como forma de aproximar os integrantes da comunidade, já que todos estavam no período de férias escolares e moravam em povoados e municípios distantes. Assim, o aplicativo serviu para romper as barreiras da distância e facilitar a comunicação.

O uso do aplicativo foi pensado de acordo com o que propõe Almeida e Valente (2012). Para estes autores, a presença das tecnologias digitais na educação pode ocorrer de forma que professores e alunos se apropriem das tecnologias e as utilizem como se fossem invisíveis. As práticas pedagógicas devem ser estruturadas não pela transmissão de conteúdos, mas com vistas a propiciar a aprendizagem através da curiosidade, do estímulo a perguntas, a invenção e a recriação.

Neste sentido, o aplicativo não foi utilizado como o centro da experiência ou o principal recurso para a obtenção do conhecimento. Este papel coube ao livro impresso, às obras literárias. O aplicativo foi o meio para a realização da discussão. A extensão da sala de aula, no momento das férias escolares. Mas, foi graças ao aplicativo que o debate sobre as obras aconteceu e os resultados foram atingidos. Ele foi o ambiente seguro, onde os alunos puderam expor suas dúvidas, suas concepções e compartilhar seus conhecimentos.

5. Considerações

A sociedade atual está cada vez mais envolvida com as tecnologias móveis. Os *smartphones*, *tablets* e *notebook* são instrumentos cotidianos em nossa vida e reestruturam a forma como nos comunicamos. Eles também podem modificar a maneira como ensinamos e aprendemos, estimulando uma postura criativa, interativa e

colaborativa entre alunos e professores. Partindo desse pressuposto, que se buscou inserir o aplicativo *WhatsApp*, como instrumento de mediação em um projeto de literatura e história.

Incentivar o hábito da leitura entre os estudantes durante as férias escolares é uma atividade bastante desafiadora, ainda mais quando a temática da leitura corresponde a questões históricas e políticas como foi o nosso caso. Ainda, com o apoio das tecnologias digitais e baseando-se nos princípios do *m-learning*, foi possível estimular os alunos e ainda desenvolver práticas de aprendizagem colaborativa.

Os alunos selecionados acolheram o convite e a maior parte colaborou com o desenvolvimento da atividade. Os resultados foram bastante satisfatórios. Os alunos depreenderam as características da prática política denominada Coronelismo presentes nas obras literárias; trocaram informações e contribuíram para a aprendizagem de toda a equipe. Compreende-se como as tecnologias digitais cooperam com a aprendizagem. O aplicativo *WhatsApp* não foi utilizado como principal recurso da atividade, pelo contrário, os livros impressos foram os grandes portadores do conhecimento. O aplicativo serviu como meio, virtualizando o debate e aproximando os participantes que estavam em lugares e tempos diversos.

Referências

- Almeida, M. E. B. de e Valente, J. A. (2012) “Integração Currículo e Tecnologias a Produção de Narrativas Digitais”, In: Currículo sem Fronteiras, 12(3), <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/almeida-valente.pdf>.
- Carvalho, J. M. (1997) “Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual”, In: Dados, 40(2), http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200003#1.
- Ferrete, A. A. S. S. e Ferrete, R. B. (2017) “As tecnologias móveis digitais nos cursos de licenciatura”, In: Anais dos Workshops do VI Congresso Brasileiro de Informática na Educação, p.584-593. Sociedade Brasileira de Computação - SBC, <http://dx.doi.org/10.5753/cbie.wcbie.2017.584>
- Leal, V. N. (2012), Coronelismo, Enxada e Voto: O Município e o Regime Representativo no Brasil, 7th edition, Companhia das Letras, S. Paulo.
- Lima, M. S. S., Lima Neto, C. S. e Castro Filho, J. A. de. (2015) “Aprendizagem móvel no Ensino Fundamental”, In: Anais dos Workshops do IV Congresso Brasileiro de Informática na Educação, p.825-833. Sociedade Brasileira de Computação – SBC, <http://dx.doi.org/10.5753/cbie.wcbie.2015.825>.
- Paiva, L. F. de., Ferreira, A. C. e Corlett, E. F. (2016) “A utilização do *WhatsApp* como ferramenta de comunicação didático-pedagógica no ensino superior”, In: Anais dos Workshops do V Congresso Brasileiro de Informática na Educação, p.751-760. Sociedade Brasileira de Computação - SBC, <http://dx.doi.org/10.5753/cbie.wcbie.2016.751>
- Pesavento, S. J. (2003) “O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura”, In: História da Educação, p. 31-45, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30220/pdf>.

UNESCO (2014). “Diretrizes de Políticas para a Aprendizagem Móvel”,
<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>.